

## DEPOIMENTO

### O IMPASSE LIBANÊS

Guy Condet\*

#### O cotidiano durante os bombardeios

É noite em Beirute; há três horas o céu está sendo rasgado por clarões fugidios que enchem a noite com uma luz inquietante; não é a natureza em cólera como numa noite de tempestade: desta vez são os homens levados por sua compulsão criminosa que enviam cegamente obuses de todos os calibres sobre o campo inimigo. Sírios e muçulmanos libaneses de um lado, cristãos do outro defrontam-se num violento duelo de artilharia pesada. Será que esta é uma guerra clássica onde se exaltam as qualidades guerreiras dos combatentes? Não, é o metralhar intensivo e cego de regiões civis. Escondidos nos abrigos fortificados ou em seus tanques, os artilheiros bombardeiam sem distinção o território inimigo: hospitais, escolas, fábricas, casas e abrigos são atingidos e dezenas de inocentes dizimados por este dilúvio de fogo.

Estou num abrigo com todos os meus vizinhos: é o corredor do prédio, protegido por paredes de pedra e sacos de areia; é um edifício de sete andares e todos os seus moradores estão no

---

\*Professor no liceu francês de Beirute de 1978 a 1983. Traduzido por Maria Helena G. Mamigonian e Beatriz G. M. Bessa.

abrigo; estamos relativamente em segurança pois até agora os obuses empregados têm uma força de penetração que não ultrapassa três andares; os prédios pequenos são mais vulneráveis, foi por isto que o Embaixador da Espanha perdeu a vida: ele estava num prédio de dois andares, o obus atravessou os tetos explodindo no abrigo onde ele se encontrava; muitas pessoas são mortas nas mesmas condições, cada bombardeio tem sua cota de vítimas inocentes.

Cada um reage aos acontecimentos de acordo com seu temperamento: quando um ou vários obuses caem perto do abrigo — os "órgãos de Stalin" podem enviar quarenta obuses ao mesmo tempo — o estrondo da explosão faz tremer as paredes e sacode nervosamente os que assistem: as mulheres, esgotadas, choram; as crianças sensíveis, tomadas de pânico, tremem e gritam de terror; os homens interrompem sua partida de baralho ou de "tric-trac" e em seus olhares advinha-se a inquietude, por vezes o desespero; o ódio que está no fundo de cada coração explode então em maldições raivosas contra o inimigo; depois o barulho dos obuses se afasta; é um outro setor que está sob as bombas; todos se precipitam em torno do rádio para escutar febrilmente as últimas notícias; depois a tensão relaxa um pouco e a cidade retoma seus direitos: bebe-se café servido pelas mulheres ou partilha-se uma refeição frugal; os homens retomam seu jogo; as mulheres sentadas num divã repousam ou trocam banalidades para descontraír um pouco a atmosfera mas a tensão permanece pois a noite é entrecortada a cada instante por "flashes de informações" relatando a situação; as crianças, cansadas, dormem sobre colchões; as horas da noite se escoam assim desconfortáveis e angustiantes; tarde da noite, o cansaço venceu todos e cada um dorme, sobre camas improvisadas, um sono agitado e precário. Ninguém ousaria sair durante os bombardeios; na noite lúgubre e escura — ou fracamente iluminada — é deserto; às vezes uma ambulância passa em velocidade para conduzir feridos ao hospital mais próximo; os cães uivam mortalmente pelo quarteirão e no alto, bolas vermelhas atravessam o céu para cumprir sua tarefa sinistra. De manhã, os artilheiros retiram-se de cena para dormir: sua consciência não perturbará seu sono.

Meus vizinhos retornam a seus apartamentos; é preciso aproveitar a trégua matinal, resultado de um acordo tácito dos antagonistas; isto faz parte da regra do jogo, pois é do interesse de todos; cada um sobe a sua casa para fazer uma pequena toilette, para telefonar a sua família, para escutar o rádio que dará num boletim lacônico a lista dos mortos e feridos, para descansar pois a noite foi árdua, ou ainda para cozinhar e limpar. As lojas de alimentos e os bancos entreabrem suas portas até o meio-dia — se não há incidentes que os obriguem a fechá-las rapidamente — e os homens aproveitam para fazer algumas compras ou retirar dinheiro; eles constataam, então, com amargura, que os preços das mercadorias sobem muito depressa e que os gêneros de primeira necessidade faltam: o pão, por exemplo. O libanês é um grande comedor de pão, que é a base da alimentação dos pobres, mas em todas as famílias aprecia-se o "manaêche": um tipo de pão enrolado contendo tomilho, óleo, duas fatias de lingüiça e dois pedaços de tomate. Longas filas de espera formam-se em frente das padarias e às vezes é preciso esperar horas até conseguir pão a menos que se tenha alguém a seu serviço ou se tenha amigos entre os milicianos: revólver na cintura, estes passam, com cinismo, na frente de todos e qualquer reclamação terminaria em alteração por vezes trágica para o corajoso contestador; acontece também, para grande desapontamento, de não haver mais pão quando chega a sua vez e é a mesma coisa com a gasolina, distribuída com parcimônia salvo para os traficantes que a revendem no mercado negro. Aproveita-se também os momentos de trégua para enterrar os mortos sem as cerimônias habituais. Os primeiros obuses são às vezes mortais e atingem aqueles que não puderam voltar rapidamente a um abrigo. Nas ruas, entulhadas de escombros, de destroços de vidro, salpicadas de buracos de obuses, as pessoas apressam o passo, lançando olhares consternados sobre os estragos ocasionados pelos bombardeios da noite: casas espedaçadas mostrando os largos rombos abertos, apartamentos destruídos, lojas e entrepostos incendiados por bombas de fósforo, automóveis queimados, postes derrubados e canalizações rompidas. Quando dois amigos se encontram, congratulam-se pronunciando a fórmula ritual marcada de fatalismo:

"Graças a Deus você está vivo". Este é o espetáculo aflitivo visto pelas pessoas que acabam de deixar seus abrigos após uma noite de angústia e de terror. É preciso aqui esclarecer que o Estado, moribundo, não previu nenhuma indenização para os atingidos pelo sinistro ou para os inválidos — que tem como único recurso a ajuda da família (no sentido maior da palavra). Esta não falta jamais aos seus deveres para com os seus: a solidariedade familiar substitui então o Estado falido; só os feridos são tratados gratuitamente nos hospitais.

Logo, as ruas se esvaziam e um silêncio pesado toma conta da cidade; escuta-se o sinal da retomada dos bombardeios com resignação e cada um se apressa em voltar ao abrigo à primeira queda de obuses mencionada pelo rádio.

A vida corre assim no Líbano desde 1975: a períodos de violência se sucedem períodos de trêgua (às vezes bem longos como em 1987-88), mas a situação sócio-econômica se degrada dia-a-dia: os capitais deixam o país. Os industriais e os comerciantes liquidam seus estoques mas não investem mais, a escassez de gasolina provoca o aparecimento de um mercado paralelo que oferece o produto a preços exorbitantes. Nos supermercados se dá a dança das etiquetas ao ritmo da depreciação do dinheiro local (1 dólar valia 3 libras libanesas em 1975, ele vale atualmente 500-550). As mensalidades escolares no ensino privado aumentam a cada trimestre, no ritmo da inflação; ora, a grande maioria dos alunos frequenta as escolas privadas — na sua maioria católicas — e o montante dos abonos familiares recebidos pelos pais é irrisório quando não é nulo para muitas categorias sociais. Os salários não seguem a mesma curva pois eles não são indexados e os aumentos salariais são insuficientes e concedidos com muito atraso; o desemprego aumenta, sobretudo entre os jovens. Enfim, é a pauperização da grande maioria da população, agravada por um sistema de proteção social inexistente para muitos e irrisório para outros: o reembolso dos gastos médicos e farmacêuticos se faz sobre bases bem inferiores ao montante das despesas feitas. Por outro lado, os numerosos cortes de eletricidade e água obrigam, aqueles que têm condições, a comprar pequenos geradores e cis-

ternas de água; os outros recorrerão às velas e aos baldes. Enfim, as freqüentes perturbações das linhas telefônicas tornam as comunicações comerciais e privadas. Em compensação, uma minoria expõe, sem vergonha, sinais exteriores de riqueza e vive folgadoamente: traficantes de armas e de droga, empresas financeiras especulando com o dinheiro, detentores de capitais em divisas estrangeiras, médicos, grandes comerciantes (sobretudo do ramo de alimentação), despachantes, etc.

Em todas as escolas o nível dos estudos baixa consideravelmente; os programas são mal concluídos, os exames de fim de ano não são mais organizados — o "baccalauréat" por exemplo — e os alunos são assim admitidos em muitas faculdades fornecendo simplesmente um atestado do término dos estudos secundários de seu estabelecimento; somente os alunos dos estabelecimentos franceses e de alguns grandes colégios da cidade recebem uma sólida formação confirmada pelo "baccalauréat" francês, mas eles são uma minoria. No ensino superior, o nível dos estudos seguirá a mesma curva e incitará muitos jovens das classes favorecidas a continuar seus estudos na Europa — na França particularmente — e nos Estados Unidos. É certo que esta situação terá graves conseqüências para o futuro do país quando for necessário substituir os quadros atuais. Eu poderia passar em revista todos os setores de atividades e chegaria às mesmas conclusões: por toda parte é a degradação do sistema sócio-econômico, provocada por uma falência completa das instituições políticas.

### **A vida nos períodos de trégua**

Antes de abordar o fundo do problema, isto é, as causas da crise que abala atualmente o país, seria bom conhecer alguns aspectos da vida no Líbano durante as tréguas. "O homem é um animal que se habitua a tudo" disse Dostoiévski: é verdade para os libaneses como para os outros habitantes do planeta. Na ausência de um futuro, eles vivem o presente, mas não é um presente alegre e cheio de promessas; por certo os momentos de calma tiram da alma o peso do medo dos abusos as-

sassinios; mas é um presente sombrio, pesado de ameaças e submetido ao destino pois cada um sabe que esta trégua não significa a paz; é ainda um presente de penúria e de dor para os que perderam um ente querido.

Porém, nestes momentos, os libaneses encontram na religião e nas relações estreitas que unem os membros da comunidade os recursos para suportar as provações atuais. Eles reencontram então suas inclinações naturais para os prazeres da mesa, do jogo, da dança, do mar e da montanha. Os mais abonados demoram-se nos restaurantes, boates e em volta do pano verde do cassino; os outros, reúnem-se em suas casas, num ambiente caloroso e descontraído, para festejar um acontecimento feliz ou simplesmente pelo prazer de encontrar-se com a família ou com os amigos.

À mesa, as breves discussões políticas omitem os problemas do futuro do país; a dialética está ausente do debate: contenta-se em atacar os inimigos ou acusar a influência das potências estrangeiras nos negócios do país, a culpa é sempre dos outros. Tem-se sempre e antes de tudo confiança nos chefes de sua comunidade. É preciso dizer também que estes dirigentes não têm a concepção ocidental da liberdade de expressão: por prudência eles preferem não prolongar a discussão, eles discutem, preferencialmente, a inflação, a taxa de câmbio do dólar, os racionamentos e seus negócios. Por vocação, as atividades deste povo estão ligadas ao comércio sob todas as suas formas e em todos os seus domínios. As mulheres se preocupam com suas roupas, exaltam os sucessos escolares de seus filhos e comentam os pequenos acontecimentos da vida cotidiana. Estamos no Oriente, e as discussões, se estabelecem de preferência entre pessoas do mesmo sexo reunidas em torno de uma mesa que agrupa todos. Aborrece-se bem depressa durante estas refeições copiosas e variadas, no curso das quais elevar-se-ão diversas vezes seu copo "à saúde" de todos, mas haverá sempre um ou diversos convidados para contar uma anedota divertida — às vezes trivial — que fará rir a assistência.

Por vezes, um cortejo barulhento de carros enfeitados com fitas e flores passa na rua: aproveita-se a trégua para ca-

sar-se de branco. A virgindade da esposa é ainda um tabu arraigado, não se transige com a honra e é algumas vezes com sangue — sobretudo nas aldeias — que termina o confronto. Freqüentemente tiros de revólver ou de metralhadora saúdam a saída da igreja dos jovens esposos ou a chegada à casa do marido, isto entre os muçulmanos. É o costume no país, aqui, amasse as armas de fogo e todas as ocasiões são boas para uma salva de balas. Os cortejos fúnebres acompanhando milicianos mortos ou homens políticos a sua última morada e as comemorações das festas religiosas e civis recebem o mesmo tratamento: em 31 de dezembro, por exemplo, é prudente não por o nariz na janela. Os libaneses gostam também da caça, porém não há mais animais de caça no país. Desperdiçam-se cartuchos de grosso calibre atirando em pequenos pássaros como o tentilhão ou os verdelhões; exercita-se ainda com alvos lançados à moda das boinas de Tartarin de Tarascon (A. Daudet). Diz-se que o caçador é um sádico que se ignora: se o prazer mórbido de atirar em pequenos pássaros úteis ao meio-ambiente pudesse curar o país da violência, esta seria uma boa terapia para o país, mas, infelizmente isto não é suficiente!

O domingo, entre os cristãos, é consagrado à oração, à família e ao descanso. De manhã, os sinos das igrejas tocam para chamar os fiéis que virão, numerosos, implorar a paz, a proteção divina e orar por seus mortos. Ao fim da missa, eles saem da igreja um pouco aliviados do peso da sua miséria e de seus sofrimentos, mais unidos e resolvidos a defender sua vida e seus bens. Entre os muçulmanos, encontra-se o mesmo fervor e as mesquitas enchem-se de fiéis para a oração da sexta-feira: voltados em direção à Meca eles recitam os versos do Corão, num mesmo elan de submissão a Deus, de vontade e de fraternidade. Para todos, a religião é o cimento do seu destino, ela traz a coesão do grupo, galvaniza sua esperança e alivia seus sofrimentos.

Após a missa, as famílias (cristãs e muçulmanas, pois o domingo é o dia de repouso semanal para todos) ganham seus lugares habituais de lazer. A discriminação social vai separar uns dos outros: clubes privados para os mais abonados,

praias populares para os outros durante o verão. Estas praias são, infelizmente, com frequência cobertas de imundícies, mas isto não impedirá os jovens e as moças de se deitarem sobre a areia quente junto das ondas que lambem preguiçosamente a praia ou de se divertirem alegremente na água morna e suave de um mar cintilante de luz. A anarquia que reina no país não poupa o mar, que se encontra às vezes poluído por detritos químicos oriundos de outros países e jogados aqui impunemente, contra retribuição bem entendido. Os libaneses são então privados dos prazeres do banho de mar durante toda a estação, como foi o caso em 1988.

Durante o verão, o tempo passará assim, nas praias ou nos pequenos restaurantes situados na costa; e quando o sol, magnífica bola de fogo no horizonte, desaparecer nas profundezas do mar, os libaneses voltarão para suas casas relaxados fisicamente e com o coração aliviado por um momento de esquecimento e de abandono.

Outros preferem a montanha, que oferece a possibilidade de praticar o esqui alpino no inverno, quando uma espessa camada de neve recobre o solo; mas o acesso às pistas é difícil, caro e por vezes perigoso. Pratica-se também o esqui de fundo, enquanto que os jovens dedicam-se a suas brincadeiras, na neve preferidas. Finalmente, muitos vão para respirar o ar puro das montanhas e relaxar.

Na primavera e no verão, a montanha oferece aos cidadãos de Beirute e de sua região a chance de provar agradáveis prazeres campestres, e, mais tarde, quando um sol de chumbo esmaga a cidade, de fugir do calor sufocante. Os mais ricos isolam-se em chalês; os outros encontram pequenos bosques floridos ainda poupados pelo vandalismo. As famílias partem cedo para encontrar um lugar sombreado e refrescado pela água sorridente de uma fonte; ali, cada um prepara com habilidade os espetos de carne perfumados com tomilho que desprenderão um cheiro apetitoso sobre a brasa ardente; a uma hora da tarde, a saladeira cheia de "taboule" circula entre os participantes e os copos de "arak" misturado com água matam a sua sede. Quando os espetos estão assados, são postos num prato coloca-

do no meio do grupo e cada um comerá a seu modo (e à saciedade para o convidado estrangeiro, que é sempre objeto de uma atenção especial). Depois, acaba-se a refeição comendo saladas variadas e frutas da estação; estas refeições se prolongam às vezes até o fim da tarde. Depois do café, cada um se afasta um pouco do grupo para digerir a copiosa refeição numa tranqüila sonolência, acompanhada pelo canto das cigarras. Porém os mais velhos, às vezes ainda vestidos com sua roupa tradicional (que se destaca sobretudo por uma calça bufante chamada "serouel"), não dormem e acendem o "narguilé", cachimbo com um longo tubo flexível; sentados em círculo eles passam o cachimbo em roda e cada um aspira com prazer esta baforada de fumaça perfumada com água de rosas; as trocas de palavras são raras, é o momento do sonho, caro aos orientais, no adormecimento do corpo.

Quando a sombra do crepúsculo desce sobre o bosque, as famílias retornam o caminho de volta, obstruído por centenas de automóveis voltando das praias ou das montanhas: todos voltam saturados de ar puro e de sol, felizes de ter deixado por um momento uma cidade morna e aflitiva. Do que será feito o amanhã? Em que boas coisas pensar? Tudo irá bem "Inchallah" e se tudo for bem, as crianças irão à escola, os estabelecimentos comerciais e os bancos abrirão suas portas e os engarrafamentos nas estradas serão o sinal de uma atividade econômica normal; senão, encontrarei meus amigos no abrigo.

### **A diversidade religiosa no Líbano**

Os libaneses vivem num país de mais ou menos 10.000 km<sup>2</sup>, apertado entre dois inimigos irredutíveis: a Síria ao norte e Israel ao sul. Antiga terra dos fenícios, este país sofreu a dominação dos gregos, dos romanos, dos bizantinos, dos árabes e a passagem dos cruzados. Os otomanos o ocuparam desde o século XVI até o começo do século XX. Depois de 1918 a SDN (Sociedade das Nações) colocou o Líbano e a Síria sob a tutela da França. Os turcos, aliados dos alemães durante a 1ª Guerra Mundial sofreram assim as conseqüências da derrota destes últimos.

Este país de mais ou menos 3 milhões de habitantes é povoado por um mosaico de comunidades árabes, ligadas às duas grandes religiões monoteístas: a religião cristã e a islâmica. Numerosos ritos são praticados no interior destes grupos. Entre os cristãos, se distinguem: [1] os maronitas, ligados à Roma desde o tempo das Cruzadas; é o grupo mais numeroso e o mais poderoso; por volta do século VIII, seu chefe espiritual, canonizado sob o nome de São Maron, conduziu esta comunidade da Síria ao Líbano onde se instalaram nas montanhas do Monte Líbano; [2] os gregos ortodoxos cuja igreja separou-se de Roma em 1054; segundo os historiadores esta comunidade teria se instalado no Líbano antes de todas as outras; [3] os gregos católicos, chamados assim porque são ligados a Roma, mas eles não seguem o rito romano; [4] os siríacos, fiéis da mais velha igreja do Oriente, esta comunidade vinda da Síria e do Iraque falava a língua aramaica, dizia-se que era a língua de Cristo e podem-se ainda ver nas velhas igrejas deste rito evangelhos escritos nesta língua. É importante salientar que em todas estas igrejas a missa é dita em árabe. É preciso, enfim, acrescentar a todos estes grandes grupos de origem árabe os armênios, vítimas da história, quando do genocídio turco de 1915-1916; os sobreviventes instalaram-se em Alepo na Síria e no Líbano (Beirute e Anjar, perto da fronteira sírio-libanesa); entre eles também encontram-se comunidades religiosas diferentes (ortodoxas e católicas).

Esta população cristã, incluindo todos os grupos, deve representar atualmente 40% da população total do país. Esta cifra é dada sob total reserva pois não há recenseamento oficial desde há muito tempo; no último recenseamento os cristãos eram mais numerosos porém a guerra levou muitos a emigrar. Entre os muçulmanos a emigração é menos significativa; por outro lado os muçulmanos beneficiam-se de um crescimento demográfico mais forte (particularmente entre os muçulmanos xiítas onde famílias de oito filhos são frequentes, quando a média de filhos de uma família cristã se situaria em três).

Em matéria religiosa, entre os muçulmanos a situação é igualmente complexa: três grandes grupos vivem no país: os

druzos, os sunitas e os xiitas. Os druzos formam uma importante minoria fechada em si mesma, nas montanhas; são heréticos do Islã tradicional e a iniciação a seu rito é secreta; sua solidariedade é total. Os sunitas representariam 35 a 40% da população muçulmana do país: são fiéis à "Suna", isto é, à ortodoxia; eles foram a comunidade mais importante antes de 1975. Os xiitas separaram-se do Islã tradicional após a morte de Maomé; eles contestaram a autoridade do califa designado pelos tradicionalistas; seu califa Ali, genro de Maomé, foi por sua vez contestado pelos tradicionalistas e assassinado: este foi o cisma. Os xiitas fazem a cada ano uma festa para comemorar sua lembrança: a "Achourá"; um acontecimento importante desta festa é a flagelação de penitentes nas ruas. Esta comunidade beneficiou-se do salto demográfico dos últimos anos, ela seria a mais numerosa. É preciso ressaltar um fato importante: os xiitas praticam o mesmo rito que os iranianos.

Todas as comunidades (cristãs e muçulmanas) agrupam-se tendo à frente seus chefes espirituais. Nesta região do mundo o sentimento religioso é profundo, a religião dita as regras da vida privada do indivíduo e defende, na sociedade, os interesses do grupo em plena harmonia com os responsáveis políticos. Além disto, o poder das igrejas — particularmente entre os maronitas — ultrapassa o quadro espiritual; na realidade seu patrimônio fundiário comporta propriedades importantes, exploradas com rigor e método. Por outro lado, as escolas, quase todas católicas, são uma importante fonte de recursos.

É preciso aqui abrir um parêntese que permitirá ao leitor melhor compreender os detalhes que se seguirão. Todos os libaneses pensam e agem, primeiro em função dos interesses de sua família e depois de sua comunidade de rito (ela mesma dividida em clãs encabeçados por poderosas famílias. A guerra reuniu estas comunidades em dois grandes grupos: cristãos e muçulmanos se agruparam para melhor defender politicamente seus interesses. Isto não impede o ressurgimento de divergências de interesses particulares durante os momentos de trégua, mas para todos o interesse do bem público da nação vem depois de todos os interesses já citados. Vem-se aí as causas essenciais da crise, que serão melhor desenvolvidas mais adiante: o ego-

Árabes Sunnites - dissidentes do Exército regular (4 mil homens) e dissidentes cristãos pró-Síria (2 mil)

Forças cristãs - Exército regular com predomínio de cristãos maronitas (17 mil) e forças Libanesas (6 mil)

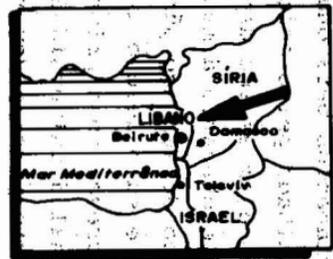
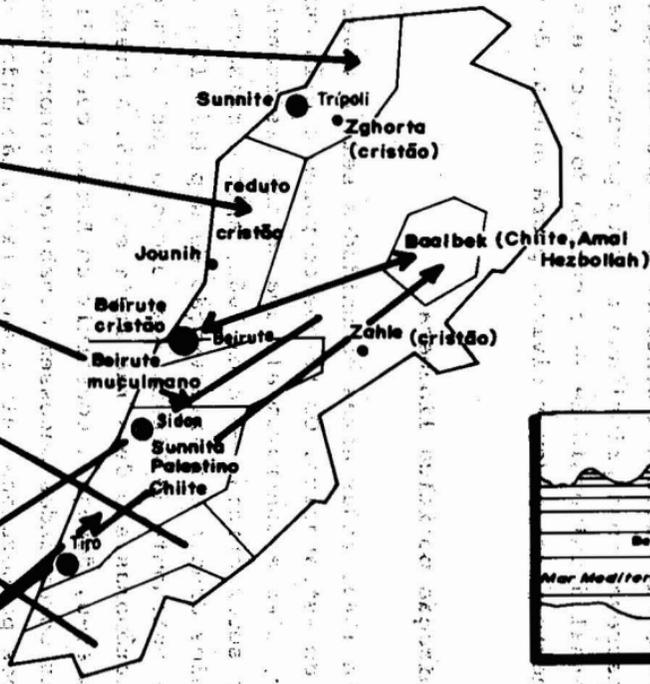
Drusos - Partido Social Progressista (3 mil)

ONU - Força de paz (3 mil)

Israel - Exército do Suldo Líbano (milícia cristã não reconhecida pelo governo) e tropas israelenses (mil)

Exércitos síria - líderes e outros grupos que combatem os cristãos (35 mil)

Árabes Chíites - Amal (4,5 mil) e Hezbollah (3,5 mil)



ismo do clã e a ausência do civismo. Para citar só um exemplo, fica-se tocado pelo contraste entre a limpeza impecável dos apartamentos para onde se é convidado e o estado das ruas: lixo espalhado pelas calçadas, buracos nas ruas, calçadas quebradas e em estado deplorável. Eu poderia citar dezenas de exemplos e chegaria à mesma constatação: em todos os lugares é o fiasco do serviço público. Se este país reencontrar um dia a paz — e eu o desejo ardentemente — seus dirigentes deveriam inscrever como prioridade em seus programas escolares — do maternal à universidade — o ensino do valor essencial que falta neste país: o dever cívico, pedra angular de uma nação.

### **A organização política libanesa**

Até 1943, todas estas comunidades sempre viveram sob a tutela do estrangeiro. Os turcos ocuparam o país durante três séculos; eles encontraram ali uma severa resistência — sobretudo no setor cristão — e em 1861, após o massacre dos cristãos pelos druzos e a intervenção de Napoleão III, a Europa impôs a autonomia do Líbano. Os turcos organizaram o país em zonas autônomas e o deixaram assim em 1918. A França, que lhes sucedeu, desejava construir um Estado centralizado onde todas as comunidades pudessem cohabitar harmoniosamente. Os objetivos perseguidos pela França iam então mudar as estruturas políticas e administrativas do país.

Por razões culturais e religiosas, a França interessava-se desde há muito tempo pelo destino das comunidades cristãs do Líbano — particularmente os maronitas, ligados à igreja romana — e as protegia das perseguições turcas e druzas. A primeira iniciativa data de Francisco I<sup>o</sup> (século XVI) e esta política é seguida no curso dos séculos, a cada vez que a comunidade cristã esteve ameaçada: por exemplo, em 1861, quando do massacre dos cristãos pelos druzos na região do "Chouf" (5.000 cristãos foram degolados) Napoleão III enviou um corpo expedicionário que perseguiu e castigou os culpados; os druzos conservam um forte ressentimento deste episódio.

O interesse estratégico do Líbano incitou então a França a favorecer a criação de um Estado centralizado, submetido à sua influência e uma república foi estabelecida em 1926, sob protetorado francês. Mas a segunda guerra mundial acelerou a marcha deste país em direção à sua emancipação total; a sua independência foi proclamada em 1943 por seus dirigentes e aceita pela França — sob influência do general De Gaulle na região — que foi a inspiradora de uma constituição até hoje em vigor. A França ajudou este país a pôr em prática suas estruturas estatais e funcionários franceses foram enviados no quadro de cooperação científica e técnica; ela se associou também a trabalhos de infra-estrutura econômica. No campo cultural, ela enviou muitos professores, multiplicou os estabelecimentos culturais e construiu estabelecimentos escolares — ainda em funcionamento — diretamente ligados à França; os programas escolares baseados nos franceses reforçaram sua influência: o ensino é bilíngüe (árabe, língua oficial + língua estrangeira) porém a maioria das escolas escolhe o francês como língua estrangeira; a língua inglesa fez bastante progresso mas ela se encontra ainda bem atrás. Os programas reservam mais horas ao ensino da língua estrangeira pois as disciplinas científicas e a matemática são geralmente ministradas nesta língua. Enfim, muitos franceses viviam no Líbano antes dos "acontecimentos", não restam quase mais atualmente, porém os casamentos mistos — essencialmente com a comunidade cristã — mantêm a influência da França neste país. É preciso acrescentar que o Líbano faz parte da francofonia, associação agrupando diversos países e tendo como objetivo a defesa e a difusão da língua francesa. Entretanto nenhum tratado de defesa liga os dois países e o Líbano faz também parte da Liga Árabe, para marcar o caráter árabe deste país.

A Constituição, de estilo presidencial, oferece a possibilidade a todas as comunidades de participarem da vida pública do país. Ela favoreceu entretanto, duas comunidades: os maronistas, entre os cristãos, e os sunitas, entre os muçulmanos, lhes concedendo o essencial do poder político.

Segundo o costume, pois a constituição é omissa neste assunto, o Presidente da República, eleito pela Assembléia Na-

cional deve ser obrigatoriamente cristão, do rito maronita. Ele detém o poder executivo, ele promulga as leis e os acordos internacionais e pode legislar por decreto — no campo administrativo — com a concordância do Presidente do Conselho. Ele é o chefe do exército, nomeia o primeiro ministro, convoca e preside o conselho de ministros. Ele pode dissolver o Parlamento.

O Presidente do Conselho dos ministros é obrigatoriamente muçulmano sunita; ele referenda os decretos ministeriais e forma sua equipe com a concordância do Presidente da República; ele é responsável por sua administração diante da Assembléia Nacional. Vê-se já que esta situação pode ser uma fonte de conflitos em caso de desentendimento entre os dois presidentes. Até mais ou menos 1970, os primeiros ministros escolhidos entre a rica burguesia sunita administraram os negócios do Estado sem muitos atritos com os responsáveis cristãos; após esta data, sob a pressão dos acontecimentos evocados mais adiante, a atmosfera deteriorou-se e numerosos conflitos opuseram os dois poderes executivos: esta situação produziu um mal estar ainda latente porém profundo no país.

Os postos ministeriais são divididos entre todas as comunidades, mas as pessoas designadas não são sempre as mais representativas.

O poder legislativo pertence a uma assembléia nacional composta por 99 membros eleitos por escrutínio distrital, 60% dos deputados são cristãos, 40% são muçulmanos; o número de eleitores é proporcional à importância numérica da comunidade tanto entre os cristãos quanto entre os muçulmanos. O presidente da Assembléia Nacional é xifta mas seu papel não tem muita influência na vida política do país; ele convoca a Assembléia e fixa a pauta dos debates, é assistido por um vice-presidente de uma outra comunidade e forma seu gabinete com os representantes das diversas comunidades.

Na administração, os cargos subalternos e de direção são atribuídos às diferentes comunidades em função de quota reservada a cada uma delas. É a mesma coisa no exército e na polícia, mas o general-chefe e o diretor geral da segurança são

sempre maronitas enquanto que o chefe do estado maior é sunita.

A constituição atribuiu, pois, aos cristãos — mas sobretudo aos maronitas — e aos muçulmanos sunitas numa medida bem menor, prerrogativas políticas indiscutíveis e os cargos mais importantes da administração; por outro lado, como já salientei, o espírito de clã favorecia o nepotismo em todos os níveis da vida pública.

Esta concepção de divisão do poder podia se justificar em 1943 quando da elaboração da constituição; com efeito nesta época os cristãos eram majoritários no país e os maronitas (grupo privilegiado pela França e pelo Vaticano) formavam a comunidade mais numerosa e mais poderosa; por outro lado, ao mundo muçulmano que acordava de um longo sono faltava vigor ideológico e lideranças; todos os países árabes encontravam-se ainda sob o jugo do colonialismo ou do neo-colonialismo, enquanto que a constituição permitia aos muçulmanos libaneses e sobretudo aos sunitas participar da gestão dos negócios do país.

Mas a constituição de 1943 deveria ter evoluído com o tempo num sentido mais favorável aos muçulmanos; os acontecimentos que marcaram a História da região de 1943 a 1975 deveriam ter levado os cristãos a aceitar uma divisão mais igualitária do poder entre todas as comunidades; governar é prever, diz-se, mas falta a lucidez quando o privilégio cega. A História nos ensina que os privilégios só se arrancam pela força, ainda que estes privilégios só mudem de mãos. A Revolução Francesa pretendia querer abolir os privilégios na França e incitava as outras nações a fazer o mesmo; os textos os aboliram, mas dois séculos mais tarde eles continuam florescendo, no mundo inteiro.

## O início dos conflitos

A insatisfação crescia, pois, entre as massas muçulmanas; sustentadas pelos partidos nacionalistas árabes e pela Síria, elas contestavam cada vez com mais intensidade o poder em vigor e reivindicavam uma reforma da constituição afim de obter uma participação igual na conduta dos negócios do país; elas reclamavam também o estabelecimento de laços políticos e culturais estreitos com a Síria no quadro de uma política árabe nacionalista, belicosa com relação a Israel e desconfiada do ocidente.

Os cristãos, pelo contrário, recusavam qualquer modificação da constituição que pudesse abalar seus privilégios; por outro lado, ligados aos valores culturais do ocidente e interessados pelos progressos científicos e técnicos desta civilização, eles se opunham a qualquer aproximação com a Síria.

No plano econômico e social, a situação não estava melhor: os partidos árabes nacionalistas e os partidos leigos de esquerda reclamavam maior justiça social. Neste domínio, se grandes fortunas se contavam no interior de todas as comunidades, os mais deserdados encontravam-se em maior número entre os muçulmanos. Vê-se desde já que a carroça conduzida por cocheiros que puxavam cada um por um lado não demoraria a virar no fosso.

A guerra das rádios, dos jornais e dos cartazes envenenava a atmosfera política e social; formações militares se organizavam para sustentar os partidos políticos. No campo cristão o partido Kataeb, de essência maronita, temendo a impotência do exército conduzia seus homens à luta armada. No outro campo, diversas milícias ocupavam o terreno: os "mourabitoun" (sunitas), "amal" (xiítas) e o partido socialista popular (druzo e comunista); todos estes movimentos eram sustentados pelos sírios e pelos palestinos da O.L.P.

O mandato do Presidente da República Frangié devia terminar em 1975 e a febre cresceu num clima de insurreição e paixão. É preciso, talvez, salientar aqui que o libanês possui os traços característicos do mediterrâneo: é um emotivo,

com reações espontâneas e brutais, que não mede com prudência os acontecimentos com os quais se confronta; ele pode mostrar-se cortez e generoso, manifestará com alarde sua alegria ao anúncio de uma boa nova, mas mostrará uma ferocidade implacável nos seus momentos de dor e de raiva (as atrocidades cometidas de lado a lado confirmam este julgamento); por outro lado, o medo herdado dos terríveis massacres que ensanguentaram freqüentemente este país agrava o sentimento de insegurança e conduz este temperamento apaixonado a atos incontrolados e a um recolhimento junto à sua comunidade — ou seu clã — num reflexo de defesa; este é um país onde constrói-se mais fortalezas do que pontes.

Entretanto, comunidades muçulmanas e cristãs viveram juntas até 1975. O comércio é rei no Líbano, as trocas comerciais (de bens e serviços) se faziam entre todas as comunidades, que mantinham boas relações de vizinhança; nos campos de esporte, cristãos e muçulmanos freqüentemente defendiam juntos as cores de um mesmo clube; celebravam-se mesmo, ainda que raramente, casamentos mistos. É verdade que pequenos incidentes ou assassinatos isolados de camponeses vinham, por vezes, perturbar a coabitação, porém a tensão baixava rapidamente e tudo voltava à ordem. Havia zonas (ou regiões) ocupadas na sua maioria por uma só comunidade — o que facilitará mais tarde o reagrupamento — e a minoria, cristã ou muçulmana, que aí vivia dedicava-se tranqüilamente a seus negócios. Podia-se notar entretanto, que uma minoria cristã vivia nas regiões povoadas por muçulmanos e vice-versa, mas que as comunidades muçulmanas de ritos diferentes não viviam juntas (sobretudo nos vilarejos): elas toleravam somente os cristãos; o cisma que os havia separado há dois séculos mantinha a segregação; para os cristãos, é o Corão que lhes dá o direito de viver e de ser protegidos em terra muçulmana.

Porém, tudo explodiu em abril de 1975; o fogo estava latente desde há muito tempo e já em 1958 uma revolta de inspiração nasseriana eclodira sob o mandato do Presidente Chamoun; ela foi reprimida com a ajuda dos americanos, preocupados com o crescimento do nacionalismo árabe e do expansionismo soviético.

O barril de pólvora aguardava que lhe acendessem o pavio de novo: em abril de 1975, cristãos foram mortos em uma zona habitada por muçulmanos; em represália, um ônibus de palestinos que passava perto de uma igreja num bairro cristão foi parado e todos os seus ocupantes executados sumariamente. Provocação premeditada ou incidente lamentável? Foi a gota d'água que fez transbordar o copo.

Em Beirute, o ódio tomou conta dos dois campos, irritados por estes atos abomináveis e excitados pela imprensa e pelo rádio. Extremistas dos dois lados tomaram a rua e massacraram vergonhosamente inocentes — cristãos e muçulmanos — surpresos por esta onda de fúria. O pânico tomou conta de todas as minorias sem defesa que fugiram da zona perigosa, abandonando seus bens aos saqueadores. Estes êxodos conduziram ao um primeiro reagrupamento destas populações por suas crenças, ou seus ritos.

O exército, impotente e dividido, desintegrou-se e cedeu lugar a organizações para-militares dos partidos políticos, mais conhecidas sob o nome de "milícias", que deflagraram o combate para ocupar o terreno em Beirute e em todos os pontos de atrito do país. Este foi o começo da guerra civil — que ainda continua — e que já custou a vida de mais de cem mil pessoas (segundo certas estimativas), civis na sua maioria.

A jovem nação libanesa, formada arbitrariamente e vítima de dissensões desde muito cedo não pôde resistir a uma tal convulsão, tanto mais que o mandato presidencial chegava ao fim; o desmembramento deste pequeno país em diversas zonas confessionais começava.

Já salientei o papel importante dos partidos políticos libaneses pró-árabes, encorajados pela Síria e pela O.L.P. no surgimento da crise libanesa.

É preciso dizer também que esta região vivia desde há dois decênios em uma atmosfera de tensão e crise (três guerras opuseram o mundo árabe a Israel durante este período: 1956, 1967, 1973). A fala e o dinamismo do coronel Nasser, Presidente da República Egípcia, figura carismática e líder inconteste do mundo árabe, apaixonavam as multidões e as inci-

tavam à intransigência de suas reivindicações e a seu reagrupamento na luta contra Israel e o imperialismo ocidental (a Síria unira-se ao Egito de 1958 a 1961 sob o nome de República Árabe Unida). Por outro lado, esta época estava marcada por uma atitude anti-ocidental em muitos dos países recentemente descolonizados, oficialmente "não alinhados" mas cujas simpatias iam, mais depressa, para a União Soviética. Esta atmosfera só podia exacerbar as tensões entre cristãos, favoráveis às relações normais com o ocidente e inquietos com o crescimento árabe, e muçulmanos, hostis a esta tendência e galvanizados pela propaganda.

A aparição na cena libanesa das consequências da guerra árabe-israelense contribuiu para a ruptura do equilíbrio frágil do poder instituído pela constituição.

O conflito árabe-israelense fixou no Líbano, em 1948, uma importante colônia de refugiados palestinos (trezentos mil, mais ou menos) expulsos de sua terra por Israel. Estes palestinos, na sua maioria de crença muçulmana sunita, instalaram-se sobretudo em Beirute e na região de Saida (no sul); ajudados financeiramente por organismos árabes e internacionais, eles fixaram-se em campos situados em zonas muçulmanas na maioria — a exceção do campo de Tel-El-Zahar, situado em zonas cristãs: em 1975, a divisão do Líbano em zonas confessionais implicou na sua expulsão desta zona após uma feroz batalha que os opôs aos milicianos cristãos.

Estes palestinos, corajosos e obstinados, organizaram a vida nos campos e puseram em prática sólidas estruturas político-militares sob a autoridade da O.L.P. Não tardaram a estender sua zona de ocupação a Beirute e ao sul do país, formando um estado dentro do estado, que se chocava com a soberania legal do Líbano e que descontentava as populações locais submetidas, por vezes, a vexames e abusos de autoridade. Esta situação desagradava fortemente os meios cristãos, mas favorecia a comunidade sunita que via entre os palestinos um reforço importante em seu favor no equilíbrio das forças paramilitares presentes. Neste contexto, não se compreende as razões — ou talvez seja melhor não falar delas — que levaram

o Líbano a assinar os acordos do Cairo em 1969 que permitiram à O.L.P. de se organizar militarmente no interior dos campos; era fácil prever que esta força disciplinada e bem armada não tardaria a se engajar nas fileiras das forças muçulmanas sunitas (os mourabitoun) na guerra que se preparava nos bastidores.

### **Os interesses estrangeiros envolvidos**

No exterior, os dois inimigos irredutíveis, a Síria e Israel, seguiam atentamente a evolução política do país; atrás destes países encontravam-se como sempre desde a conferência de Yalta, a União Soviética e os Estados Unidos. A França, cautelosa em não comprometer seus interesses, situados nos dois campos, esforçava-se para acalmar o jogo e engajava as duas partes num diálogo.

A Síria jamais aceitou reconhecer o Líbano como um estado soberano e independente (não há representação consular nos dois países). Ela considera o Líbano como uma região natural da Grande Síria, que englobaria os dois estados atuais. A ideologia do partido no poder na Síria, o Baas, dirigido pelo Presidente da República Hafez-el-Assad reclama a constituição de uma confederação política agrupando os dois estados: dois povos para uma nação; esta reivindicação se apóia sobre as afinidades culturais e os laços familiares que os unem — muçulmanos sunitas e cristãos — de um lado e de outro das fronteiras e sobre o dinamismo das trocas comerciais estabelecidas entre estes dois países.

É evidente que Damasco exerceria um papel preponderante nesta confederação. Uma associação semelhante tinha existido já com o Egito em 1988; ela falhou três anos mais tarde. Pode-se dizer que Síria e Egito não são vizinhos e que esta fusão tinha por objetivo apresentar um "front" unido frente a Israel. Mas no Líbano além da oposição categórica dos cristãos a uma semelhante associação seria preciso acrescentar as reticências dos xiítas, influenciados pelo Irã, pouco interessado na formação de um grande bloco laico; só os sunitas, majoritários na Síria, e os druzos do P.S.P. (Partido Socialista

Progressista) poderiam aderir sem reservas a um bloco como este.

Do seu lado, Israel observava com interesse o descontentamento crescente das populações cristãs e xiítas locais vivendo perto de sua fronteira, expostas a cobranças dos palestinos e vítimas das represálias israelitas. Ela explorou este sentimento para formar e financiar uma milícia — cristã em sua maioria — colocada sob seu controle; os homens desta milícia, atraídos pelo ganho e hostis aos palestinos foram encarregados de vigiar os movimentos dos combatentes palestinos e de impedir sua infiltração em território israelita. Mas a formação desta milícia envenenou e complicou um pouco mais o clima político do Líbano; já os combates ferozes que opuseram cristãos e palestinos em Tel-El-Zahtar favoreceram a política de reaproximação dos cristãos com Israel.

Nos bastidores destas manobras político-militares estava Kissinger, secretário de Estado norte-americano, que tinha a idéia de "balcanizar" os estados ribeirinhos de Israel, isto é, de os dividir em pequenos estados; esta divisão teria tido como efeito enfraquecer os inimigos de Israel e criar um pequeno estado palestino sobre uma parcela do território libanês.

Quanto à União Soviética, esta se colocava atrás da Síria, último país da região a manter relações estreitas com ela. O Presidente Sírio Hafez-el-Assad esperava o momento propício para intervir diretamente no conflito mas ele desejava entrar no Líbano na qualidade de mediador, a pedido de todas as partes engajadas neste conflito. Sua intervenção não podia ser, pois, suspeita a quem quer que seja. Ele pretendia impor a paz a todos num primeiro momento e depois usar de todo o seu peso para acelerar a realização das reformas políticas no Líbano, o que lhe permitiria, mais tarde, realizar seus próprios objetivos com o apoio dos partidos libaneses aliados à sua política.

Num primeiro tempo, tudo se realizou como ele havia previsto; depois, com os acontecimentos de 1975 e com o começo dos combates que se seguiram, a situação degradou-se muito

depressa na região; a anarquia reinava e inquietava os países árabes que temiam uma intervenção de Israel — ou dos ocidentais — do lado dos cristãos.

A Liga Árabe decidiu então constituir uma "força de dissuasão árabe" para restabelecer a ordem e a paz no Líbano. Apresentava-se, pois, a ocasião aos sírios para intervir direta e legalmente no conflito libanês; com efeito, a Liga Árabe só podia confiar o comando e a organização desta força à Síria. Outro fato importante é que esta força recebeu a aprovação de todos os partidos libaneses para restabelecer a ordem e a paz. Esta força de trinta mil homens sob o comando de um general sírio era composta essencialmente por tropas sírias além de pequenos contingentes de soldados da Arábia Saudita, do Yêmen e do Sudão (para lhe dar uma coloração árabe) que aliás voltaram rapidamente para suas casas. Ninguém podia se iludir e foram as tropas sírias que entraram no Líbano em 1976 com a concordância de todo o mundo, cristãos e muçulmanos.

Esta força recebeu tanto dos cristãos quanto dos muçulmanos uma acolhida calorosa, marcada pelas oferendas tradicionais feitas no Oriente Médio (flores, punhado de arroz). Israel não se opôs à entrada desta força no Líbano mas estabeleceu uma condição "sine qua non": as tropas sírias não deviam transpor o rio Litani, situado no sul do país a uns trinta quilômetros da fronteira com Israel.

Com a entrada das tropas sírias no Líbano, o projeto de fusão dos dois povos na "Grande Síria" podia entrar em sua fase executiva.

Preocupado em continuar, daí em diante, o único "senhor do jogo" no cenário libanês o Presidente sírio obrigou pela força as milícias muçulmanas e palestinas a voltarem para suas posições iniciais e impôs a paz a todos, espalhando suas tropas por todo o país (à exceção da zona "proibida" por Israel). Um novo Presidente da República Libanesa foi eleito (Eliás Sarkis) e um gabinete ministerial ocupou-se de refazer a vida econômica e social do país.

Por outro lado, a Síria limitou as atividades dos palestinos da O.L.P. e colocou sob seu controle direto as milícias,

muçulmanas. Com efeito, Damasco temia um fracasso na tentativa de impor sua vontade ao lado cristão; seria preciso, então, exercer e manter uma pressão político-militar sobre o lado cristão, a fim de utilizar esta determinação; as milícias seriam utilizadas para este fim.

Na realidade, o conflito político e ideológico persistiu, opondo os dois campos. A Síria desejou fazer pender a balança em favor de seus aliados e tentou impor, pela força, sua vontade aos cristãos, sempre reticentes em modificar a constituição e hostis ao projeto da "Grande Síria". Em 1978, comandos cristãos atacaram as forças sírias isoladas em sua zona e as forçaram a recuar, num primeiro tempo, para a periferia desta zona e depois a se retirar totalmente. A Síria se aborreceu e bombardeou violentamente a zona cristã.

Israel explorou o fracasso; a falta de meios logísticos das forças cristãs e a ameaça de uma invasão de sua região pelas milícias aliadas da Síria incitaram os primeiros a se reaproximarem de Israel.

O país encontrou-se, pois, dividido em duas zonas de influência: de um lado os cristãos ajudados e armados por Israel, de outro, os muçulmanos e uma minoria de cristãos sustentados pela Síria. E os bombardeios recomeçaram inelutavelmente provocados por uns e por outros, em função dos interesses políticos ou psicológicos que os moviam.

### **Líbano: guerra de posições e de atentados**

Podemos nos interrogar aqui para saber porque esta luta entre os dois lados se resume a uma guerra de posições. No terreno, a vantagem qualitativa e quantitativa pertence à Síria e às suas milícias; e o exército sírio apoiado pelos milicianos teria a possibilidade de transpor as linhas de defesa cristãs e ocupar a zona após combates de rua encarniçados e sem o apoio de sua aviação (proibida no Líbano por Israel). Porém, Israel, sustentado pelos ocidentais, não aceitaria, sem reagir, o desenrolar de uma operação semelhante que romperia

o equilíbrio estratégico obtido com a Síria neste país. Sua intervenção restabeleceria rapidamente o "status quo" e terminaria como um fracasso para os Sírios e seus aliados. Por outro lado, esta operação envolveria diretamente a Síria, o que este país sempre recusou fazer para evitar o confronto direto com Israel e para conferir um caráter local ao conflito libanês. As linhas "vermelhas" proíbem qualquer avanço sobre o terreno, restando a tática do "apodrecimento" por milícias interpostas.

Os enfrentamentos, sabiamente dosados, seguem a curva da tensão política: incidentes de "fronteira" ou pequenas escaramuças opondo os dois lados quando a tensão está fraca, bombardeios de artilharia ligeira das zonas residenciais próximas das linhas de demarcação quando a tensão aumenta e bombardeios de artilharia pesada sobre Beirute e sua região quando a tensão desemboca numa conflagração opondo a artilharia síria (as milícias pró-sírias não tendo uma tal força de ataque) e o exército cristão (exército legal e milícias). A Síria desmente sempre sua participação mas está claro que ela engaja sua artilharia e seus tanques quando a relação de forças é desfavorável às suas milícias.

Todos estes bombardeios têm por objetivo destruir a economia da zona "inimiga", impondo-lhe importantes perdas materiais e humanas e ainda minar seu moral e sua capacidade de resistência. Realmente, as perdas civis são enormes enquanto que entre os militares conta-se a morte de alguns soldados ou milicianos operadores das peças de artilharia e a destruição de canhões (ou de tanques). É preciso acrescentar que estes bombardeios, na sua maioria, atingem regiões de forte densidade de população: mais da metade da população do país vive sobre mais ou menos uma quarta parte deste pequeno território (10.000 km<sup>2</sup>), Beirute e sua região. As outras zonas são poupadas, menos quando explodem incidentes entre milícias (opostas ou às vezes do mesmo lado) pelo controle de zonas e, então, é ainda a população civil a mais duramente atingida.

Mas estes bombardeios não são os únicos meios empregados para manter a angústia e o medo neste país. Durante as três

guas, a vida cotidiana é perturbada por rivalidades que opõem os milicianos do mesmo lado por questões de interesse: é ainda a metralhagem cega num ou em vários bairros da cidade. Entretanto, o paroxismo do horror é atingido quando carros-bomba explodem numa rua movimentada: dezenas de pessoas, horri-velmente retalhadas, cobrem o solo vermelho de sangue. É o meio mais odioso empregado pelos terroristas dos dois lados na sua guerra psicológica — matar para se vingar e para intimidar os outros, a fim de submetê-los a sua vontade. Estes atos visam uma comunidade mas eles podem visar também uma personalidade religiosa ou política cujas iniciativas ameaçariam os interesses dos senhores de guerra. Com efeito, existem muitos homens corajosos que tentaram, em vão, reconciliar os libaneses; houve mesmo uma manifestação popular, em 1987, que reuniu milhares de pessoas das duas zonas, vindas para pedir a paz e o entendimento; esta manifestação que aconteceu perto da linha de demarcação não teve sucesso e não foi repetida. A ameaça paira sempre por sobre todos, porém os libaneses calam-se resignados e fechados neles mesmos ou só se indignam quando seu campo é atingido. Os mais afortunados deixam o país — sobretudo os cristãos — amargos e desencorajados pela ausência de perspectiva de futuro. Os outros continuarão a viver neste inferno; o ódio e o desespero alimentarão entre os cristãos sua tímida determinação de defender a terra de seus ancestrais e afastarão as chances de paz e de reconciliação.

### **A paz israelense**

A "paz síria" foi seguida em 1982 pela "paz israelense". Sob o pretexto de perseguir os comandos palestinos instalados no sul do país. Os israelenses comandados pelo general Sharon invadiram o território libanês; seu poderoso exército prosseguiu até Beirute. Ele expulsou os sírios da capital e sua região e obrigou os combatentes palestinos da O.L.P. a deixar o Líbano sob a proteção da ONU; em seguida, ele arrasou a milícia muçulmana sunita (os "mourabitoun") e neutralizou outras milícias. Esta operação, montada com a concordância da milícia cristã tinha por objetivo desmantelar a organização palestina

da O.L.P. e colocar no comando do Líbano um Presidente da República favorável a um acordo de paz e cooperação com Israel. Bechir Gemayel, chefe da milícia cristã foi, então, eleito Presidente da República por um parlamento com quórum mínimo (muitos deputados muçulmanos tendo-se recusado a participar desta votação); porém foi morto alguns dias mais tarde em um atentado — sírio? israelita? palestino? — a História nos dirá. O autor do atentado foi preso (se acreditarmos nas informações oficiais), mas o julgamento jamais aconteceu. Este mistério bem guardado esconde, certamente, muitas coisas. O irmão do presidente, Amine, eleito em seu lugar, seguiu uma política favorável a Israel de início; recolocou em funcionamento as instituições do Estado e reorganizou o exército que esquadrinhou toda a cidade de Beirute e seus arredores ajudado pela força multinacional enviada pela ONU para evitar o massacre de populações civis indefesas após o desmantelamento de suas milícias pelas forças israelenses. Com efeito, antes da chegada desta força, centenas de palestinos foram massacrados pela milícia cristã, com a cumplicidade dos israelenses, nos campos de Sabra e Chatila.

A esperança invade, então o lado cristão; ao contrário, entre os muçulmanos esta situação suscitava temor e rancor, mas a relação de forças os incitava provisoriamente à prudência e à submissão; a vingança seria para mais tarde.

Amine Gemayel tinha então importantes trunfos para realizar reformas políticas sem pressão dos extremistas. As milícias muçulmanas haviam se retirado de Beirute; os partidos políticos muçulmanos haviam baixado o tom e o exército libanês, posto sob sua autoridade, espalhara-se por toda a capital. Porém, ele não tinha a autoridade e o prestígio de seu irmão para impor sua vontade ao lado cristão; por outro lado, ele partilhava do ponto de vista dos dirigentes políticos cristãos; ele não empreendeu, pois, nada de sério para desbloquear a questão.

De outro lado, Israel pressionava o Presidente da República para assinar um acordo de paz e de cooperação, segundo objetivo visado por seus estrategistas; mas Amine Gemayel he-

sitava em assinar um acordo que o isolaria do mundo árabe. Além disto, os ministros muçulmanos de seu gabinete — mesmo os mais moderados — eram francamente hostis a este acordo. O Presidente chegou a enviar negociadores que redigiram um projeto de acordo mas, no último momento, ele recusou-se a promulgá-lo. Israel sofreu as conseqüências: retirou-se da capital e de sua região e concentrou suas forças na zona de segurança estabelecida perto de sua fronteira. Logo, a Oeste, as milícias muçulmanas que haviam fugido da capital ou se organizado na clandestinidade reagruparam suas forças e, em princípios de 1984, a guerra recomeçou entre as duas comunidades.

O exército libanês, composto por todas as comunidades desintegrou-se de novo; os cristãos (exército e milícia) foram obrigados a se concentrar precipitadamente em sua zona e os soldados muçulmanos voltaram para seu lado, o que teve conseqüências trágicas para os cristãos que moravam nestas regiões — no Chouf, por exemplo, muitos cristãos foram massacrados e os sobreviventes abandonaram seus bens para se refugiarem na zona cristã.

A "paz israelense" também terminou, então, por um fracasso caracterizado por uma perda ainda maior de vítimas inocentes, estragos consideráveis e um maior distanciamento entre as comunidades reagrupadas em suas zonas, sob a autoridade de seus chefes espirituais e militares.

#### **1985-1986 - O interregno das milícias**

Amine Gemayel virou-se então para a Síria; hesitou ainda uma vez — traço dominante dele — e acabou por fracassar, ou fazer fracassar, todas as tentativas de reaproximação com o lado sírio e de seus aliados (Conferência de Genebra 1985-1986). Reuniu todas as comunidades para tentar encontrar uma solução ou um projeto de acordo entre o chefe da milícia cristã, Elie Hobeika, os chefes das milícias muçulmanas e a Síria. Hobeika havia sucedido a Bechir Gemayel no controle das

"Forças Libanesas"; nesta tentativa de acordo com os sírios, foi desautorizado pelo lado cristão e foi destituído; após disto, foi recuperado pelos sírios que farão uso dele talvez um dia; ele se encontra atualmente em Zahle com seus seguidores. Geagea foi eleito pelos partidários da predominância política aos cristãos. Ele terminará seu mandato solitário e impotente para resolver a crise.

O Conselho dos Ministros cessou toda atividade pois o Presidente do Conselho (sunita) e os ministros muçulmanos recusaram sua colaboração. Quanto ao Parlamento, já amputado de vários dos seus membros, mortos ou ausentes (a Assembléia Nacional não foi renovada desde 1975), ele cessou qualquer atividade legislativa séria.

Atualmente, todas as comunidades importantes têm sua milícia, à exceção dos sunitas cuja milícia "os Mourabitoun" foi aniquilada por Israel.

Do lado cristão, diversas milícias controlaram a região até 1979; estas milícias provenientes de partidos políticos diferentes estavam mal organizadas e indisciplinadas; elas se opunham, por vezes, em combates sangrentos de rua por questões de interesse pessoal ou de supremacia numa zona ou num bairro. Uma prova de força começou: a milícia dos Kataeb, apoiando-se sobre estruturas sólidas, ocupou todo o terreno e integrou todas as milícias sob um comando único — as "Forças Libanesas". Estas forças, de essência maronita, organizaram-se sob a forma de um verdadeiro exército regular e receberam o apoio de Israel. Elas são o escudo da resistência cristã. Seu programa defende a manutenção das prerrogativas do Presidente da República, no quadro de uma república ligada ao mundo árabe porém vinculada aos valores cristãos e ao progresso científico e técnico do Ocidente. Elas rejeitam violentamente qualquer projeto de fusão — sob qualquer forma que seja — com a Síria. Eles temem, com efeito, que esta fusão dos dois povos em uma confederação atribuiria, na realidade, todo o poder político à comunidade mais numerosa na ocasião, a comunidade muçulmana (menos de 10% de cristãos vivem na Síria, a maioria ortodoxos). As "Forças Libanesas" reclamam também, com

insistência, a retirada das tropas sírias do Líbano.

A oeste, restam atualmente três milícias ligadas a partidos políticos: o P.S.P. (Ichtirak, em árabe) druzo na maioria, dirigido por Walid Joumblatt e duas milícias de obediência xiíta, "Amal" ("Esperança", dirigida por Nabil Berri) e o partido Hezbollah (o partido de Deus), conduzido por um chefe religioso, o Imã Fadlallah.

Os "mourabitoun", milícia sunita aniquilada por Israel, não reapareceram em cena. Os dirigentes dos partidos políticos sunitas preferiram ocupar uma parte do espaço político. Eles preconizam uma política de reaproximação com a Síria, à qual os ligam laços culturais e familiares (70% da população síria é sunita) e a reforma da constituição. Porém é evidente que a partilha — mesmo que desigual — do poder com os cristãos os coloca numa situação de privilégios com relação às outras comunidades muçulmanas; é igualmente certo que uma reforma da constituição os privará também, como os outros, de parte de suas prerrogativas — isto explica sua atitude moderada e sua falta de combatividade. Entretanto, sua solidariedade com os outros partidos políticos pró-sírios e a intransigência do lado cristão os levam a sustentar suas reivindicações.

O P.S.P. de Walid Joumblatt se declara por um socialismo árabe laico e deseja como AMAL o estabelecimento de relações privilegiadas com a Síria; às vezes ele associa-se ao partido comunista libanês, pouco influente no país, para ações políticas dirigidas contra as "Forças Libanesas". Sua milícia é composta de druzos e seu raio de ação abrange o "Chouf" (região druzo). Este partido também reclama uma melhor divisão do poder entre todas as comunidades.

AMAL, de tendência moderada, deseja uma reforma das instituições que conduza a uma laicização do Estado em todos os seus domínios; aliada privilegiada dos sírios, ela preconiza o estabelecimento de relações estreitas com este país e sua milícia dirige, em plena coordenação com a Síria uma luta armada contra Israel no sul do país. Neste desejo de laicização existe uma segunda intenção política, ela serviria aos inte-

resses dos xiítas que formam a comunidade mais numerosa; efetivamente, quando de uma eleição, por exemplo, o reflexo comunitário conduziria a uma concentração dos votos sobre o candidato apresentado pela comunidade ou merecedor de seus favores.

HEZBOLLAH fez sua aparição na cena libanesa após a queda de Xá do Irã (1979). O guia supremo dos xiítas, Imã Khomeiny, preconizou desde a sua chegada ao poder no Irã a expansão da revolução islâmica; ao Líbano, ele enviou seus agentes que implantaram-se sobretudo nos bairros xiítas pobres de Beirute e na região de Baalbeck (xiíta). O Hezbollah é um movimento integrista que preconiza a instauração de uma república muçulmana pura e dura, além da luta armada contra Israel a partir do território libanês e da rejeição dos valores ocidentais e marxistas. Movimento extremista, ele conduz seus milicianos aos campos situados no Líbano e no Irã e os engaja em ações terroristas assassinas contra Israel e o Ocidente. Por exemplo, em 1983, "voluntários da morte" atiraram-se com seu caminhão cheio de explosivos contra um acampamento de tropas francesas e americanas da força multinacional, houve trezentas mortes; este grupo não hesita em recorrer à chantagem tomando reféns ocidentais para trocar por resgates ou pela liberação de prisioneiros políticos condenados a penas de prisão na Europa ou nos Estados Unidos por atos de terrorismo.

As relações entre a Síria e o "Hezbollah" são antes resultado de um acordo tático e provisório que de uma aliança sólida. Com efeito, o "Hezbollah" atrapalha os objetivos sírios quando prega a instauração de uma república muçulmana; esta reivindicação se opõe à constituição de uma "Grande Síria", em princípio laica, que seria composta por todas as comunidades árabes que vivem nos dois países; de outra parte este objetivo intimida os cristãos, mesmo os mais moderados, e traz "água para o moinho" dos extremistas cristãos, ferozmente opostos a qualquer aproximação institucional com a Síria.

Mas a Síria não pode submeter o "Hezbollah" à sua vontade sem alterar suas boas relações com o Irã (Hafez-El-Assad, opositor por motivos ideológicos do presidente iraquiano Saddam

Hussein, foi o único chefe de estado árabe aliado ao Irã durante a guerra iraque-iraniana). Por outro lado, a ocupação pela força das zonas mantidas pelos milicianos do "Hezbollah" lhe traria a hostilidade da população xiíta e isso não se faria sem uma resistência encarniçada dos "soldados de Deus" e a realização de atos terroristas contra o exército sírio. Hafez-El-Assad prefere, então, isolá-los até neutralizá-los, guardando as relações de boa vizinhança com este partido afim de conservar seu papel de interlocutor privilegiado entre o Ocidente e este movimento (como é o caso no assunto dos reféns ocidentais). Porém a possibilidade de um confronto direto entre a Síria e o "Hezbollah" não está excluída para o futuro, se as ações do "Hezbollah" se opuserem diretamente aos objetivos do presidente sírio que permanece o senhor do jogo.

Após a derrota do exército libanês, em 1984, e sua retirada da zona muçulmana de Beirute, as milícias tornaram a ocupar o terreno. Mas o vazio deixado com a sua saída e a das tropas sírias não podia ser preenchido, para a manutenção da ordem e da segurança, nem por milicianos formados para outras tarefas e ocupados com elas, nem por forças da polícia legal, insuficientes e sem autoridade. Foi então, durante mais ou menos dois anos, o reino da anarquia e da desordem. Pequenos grupos de todas as tendências, gangues e traficantes enfrentavam-se na rua por questões de interesse; pilhavam, extorquiam, ameaçavam e submetiam uma população aterrorizada a vexações por qualquer motivo.

Porém a população civil foi submetida a momentos de pânico ainda maiores quando as milícias se enfrentaram pelo controle dos bairros da cidade. Estes combates opuseram de início, em 1985, o movimento AMAL dos druzos; prudentes e tendo, talvez, recebido dos sírios a ordem de se retirar, os druzos retornaram a seu acampamento no Chouf. Em 1986, uma sucessão de incidentes sangrentos entre AMAL e os palestinos da O.L.P. que desejavam se reinstalar em Beirute conduziu à destruição de um campo palestino e à morte de dezenas de inocentes. A Síria seguramente não era estranha a todos estes incidentes; ela se servia da milícia de AMAL para expulsar os palestinos da O.L.P. com quem tinha rompido relações após a invasão is-

raelense; ela havia ajudado os dissidentes palestinos, hostis a Arafat, a formar uma milícia que se instalara na região ocupada pelos sírios.

A população recuperava o fôlego há algum tempo quando AMAL e Hezbollah encontraram-se frente a frente em um combate fratricida que os opôs em Beirute e no sul do país. Este enfrentamento era previsível: o desejo de hegemonia do Hezbollah, encorajado por alguns chefes religiosos e pelo Irã e a decisão da Amal sustentada pela Síria e, de limitar a zona e influência do Hezbollah e de afastar seus milicianos do sul do país levavam fatalmente ao enfrentamento dos dois partidos.

É evidente que todas estas operações de "limpeza" foram dirigidas por Amal sob a batuta da Síria, que pensava em confiar o controle de Beirute-Oeste a Amal, seu aliado privilegiado e que fazia igualmente questão de guardar o controle das operações contra Israel no sul, confiando a iniciativa e a direção destas operações a esta milícia. Está claro, também, que toda esta anarquia só poderia terminar num "apelo insistente da população" — notadamente dos sunitas que assistiam impotentes às demolições e à carnificina — em favor da volta das tropas sírias a Beirute-oeste. Assim, uma vez mais, os libaneses obcecados pelos mesmos demônios — anarquia e espírito de clã — forneciam a prova de sua incapacidade de entendimento — mesmo no seio de uma comunidade de mesmo rito!...

### **O retorno da Síria à cena libanesa, mas as milícias continuam**

A Síria se reinstalou, pois, em Beirute-oeste, "a pedido das personalidades políticas da região", mas não ocupou os bairros pobres xiítas controlados pelo Hezbollah; ela evitou assim uma prova de força com este partido e uma ruptura com o Irã. Hafez-El-Assad, fino estrategista, retomava o controle do jogo em sua zona, o jogo de xadrez continuava no cenário libanês com milícias interpostas. Mas todo este período de incertezas incitou os últimos cristãos a fugirem da zona oeste para se refugiarem na zona cristã; atualmente, só resta uma pequena minoria.

Todas as milícias (muçulmanas e cristãs) têm como objetivo prioritário a defesa de sua comunidade; porém elas também instalaram em suas respectivas zonas uma administração paralela que organiza a vida social, econômica e cultural. São verdadeiros feudos, que se beneficiam de importantes rendimentos fiscais sob a forma de sobretaxas diversas recebidas sobre mercadorias e serviços. Elas controlam pequenos portos para o contrabando; elas se aproveitam, de outro lado, de uma importante ajuda material e de assistência dos países que as mantêm. Estas milícias dispõem ainda de poderosos meios audiovisuais (televisão, rádio, jornais) para dirigir sua propaganda.

Atualmente, a grande maioria dos cristãos vive em uma zona de mais ou menos 1.000 km<sup>2</sup>, chamada "o reduto cristão", termo com cunho pejorativo; esta zona se estende ao longo do litoral, de Beirute-leste a Amchit, pequena localidade situada depois de Jbeil (Biblos), ou seja, tem 40 km de comprimento por 25 km de largura (até a crista do Monte Líbano). Esta população se encontra sob a proteção de uma parte do exército que está sob o comando do general Aoun e das Forças Libanesas (milícia cristã). Jounieh é um pequeno porto sob o comando dos cristãos; uma ligação marítima Jounieh-Larnaca (Chipre) assegura um serviço diário que permite aos cristãos tomar o avião em Larnaca. Na realidade, o aeroporto se encontra no setor muçulmano de Beirute e muitos preferem por medida de segurança alcançar seu destino transitando por Chipre; por outro lado, o aeroporto está freqüentemente fechado por causa dos bombardeios. Mas durante os períodos de forte tensão a viagem marítima Jounieh-Larnaca não se faz sem perigo; o porto é então castigado pela artilharia e o barco é visado durante seu percurso em águas territoriais libanesas. Os cristãos dispõem de um cais do porto de Beirute para as trocas comerciais — este espaço esteve sob o controle das "Forças Libanesas" até fevereiro de 1989; o exército do general Aoun o retomou desde então.

O setor muçulmano (aproximadamente 9.000 km<sup>2</sup>) se encontra dispersado em todo o resto do país; as comunidades muçulmanas se agrupam segundo seu rito em suas zonas de implantação de

origem ou ocupam zonas abandonadas pelos cristãos; o Chouf, por exemplo, é ocupado exclusivamente pelos druzos depois da expulsão de cristãos desta zona. Os sunitas se encontram sobretudo no norte do país (Tripoli), no Bekaa um pouco ao sul e nos bairros residenciais de Beirute-oeste. Os xiítas habitam mais ao sul do país, na região de Baalbek, no Bekaa e na periferia sul do país (alguns bairros desta periferia são verdadeiras favelas, onde os partidários do Hezbollah têm seu feudo).

Importantes minorias cristãs vivem ainda no setor muçulmano, sob o olhar vigilante e protetor da Síria. Rivalidades políticas, lutas de clãs e um ato abominável estiveram na origem da ruptura das relações entre a minoria cristã que vive no norte do país e o resto do país cristão. Trata-se, nessas circunstâncias, do caso Frangie, ex-presidente da República: seu filho, sua nora e seus netos foram massacrados em 1978 por milicianos vindos do setor cristão. Este odioso massacre teve uma grande repercussão na época; ele provocou a ruptura das relações entre os cristãos do norte, partidários de Frangie e os de Beirute, fiéis à família Gemayel. Os cristãos do norte favoráveis à família Gemayel conheceram então o êxodo. Este acontecimento favoreceu os sírios, vizinhos do norte; com efeito, ele reaproximou o clã Frangie dos sírios que se fizeram seus aliados políticos.

No Bekaa, uma importante comunidade cristã de rito gregocatólico vive na cidade de Zahle; em 1983, esta cidade foi bombardeada furiosamente pelos sírios que desejavam expulsar as Forças Libanesas implantadas na cidade; estes últimos se retiraram e Zahle se achou isolada na região. Um acordo foi concluído, em seguida, com os sírios e desde então Zahle vive na solidão, talvez na resignação, porém, neste momento, em paz.

Enfim, no sul do país, cristãos vivem sob a proteção dos israelitas e das milícias locais controladas por eles; Israel estabeleceu um cordão de segurança ao longo de sua fronteira norte, limitando assim, eficazmente, as tentativas de infiltração de comandos terroristas com a ajuda interessada das

populações cristãs hostis aos palestinos e aos movimentos integristas muçulmanos.

Beirute se encontra dividida em duas zonas. Beirute-oeste vive sob o controle das milícias locais e dos sírios, vindos a esta cidade para pôr fim a uma assustadora anarquia; uma pequena minoria de cristãos ainda vive nesta parte da cidade. Beirute-leste reúne a grande maioria da população cristã da cidade. Os dois setores da cidade estão separados por uma zona-tampão, esvaziada de seus habitantes, coberta de minas e invadida pela vegetação. As zonas de Beirute e as regiões do país não estão totalmente isoladas; com efeito, durante as tréguas, automóveis e caminhões circulam em todas as regiões sob o olhar inquisidor dos milicianos encarregados do controle de identidade dos viajantes ou do recolhimento das taxas de circulação cobradas sobre as mercadorias. Em Beirute, a passagem entre as duas zonas se efetiva a pé-menos para alguns privilegiados munidos de um "salvo-conduto" que podem circular de automóvel, do Museu (lado leste) ao hospital Berbir (lado oeste). Os pedestres passam por uma larga avenida, ladeada de prédios atingidos pelos obuses e esvaziados de seus habitantes, que assegura a junção entre as duas zonas. Durante os períodos de trégua, centenas de pessoas atravessam a "terra de ninguém" para reencontrar a família, fazer compras ou para diminuir seu caminho para ir a Tripoli (no norte) num sentido e a saída (no sul) no outro. Em períodos de tensão, as passagens são fechadas e os franco-atiradores, milicianos postados de um lado e do outro da linha de demarcação, retomam o prazer sádico de atirar sobre civis desarmados que tentam temerariamente burlar a interdição.

A partilha "de fato" do país estava confirmada; cada um se acomodou, pois o poder real pertencia, de fato, às milícias. O general Aoun, chefe do exército nomeado por Gemayel e de confissão maronita se recusou a simplesmente administrar a crise; seu programa era ambicioso, ele desejava expulsar os sírios do Líbano ou ao menos chegar a um acordo de evacuação do exército sírio, dissolver todas as milícias, reunificar o país sob sua autoridade, propor reformas políticas após a pacificação do país. É certo que um tal projeto era um verda-

deiro "casus belli" contra a Síria e seus aliados libaneses; de outra parte, propor reformas após a "reunificação do país pela força" só pode ser considerado como uma grande imposição.

### **Após a "paz síria" e a "paz israelense": "paz saudita"?**

O general contava com o exército sediado na zona cristã, reestruturado, melhor "enquadrado", provido de armamentos modernos; entretanto, este exército não dispunha de aviação e não podia se engajar em operações de grande envergadura. Mas ele esperava poder contar com o apoio da opinião internacional na sua luta para acabar com a divisão do país; contava também com o Iraque, inimigo jurado da Síria cuja aliança tática com o Irã na guerra iraque-iraniana ele reprova. Talvez ele contasse também com o apoio do Ocidente — particularmente dos americanos — para bem conduzir a tarefa. A seqüência dos acontecimentos o decepcionará; com efeito, os americanos consideraram que a Síria possui um papel incontornável no regulamento do conflito do Oriente-Médio e na solução da crise libanesa; eles não apoiaram sua ação e transferiram para Chipre sua embaixada (que estava na zona cristã) após ameaças. A França escolheu a via diplomática para fazer parar os combates que não tardaram a explodir e deplorou os bombardeios cegos de zonas civis. Quanto a Israel, ligado sobretudo à milícia, observava com reservas, as ações intempestivas deste general; a experiência amarga de 1982 não o incitava a se engajar tão facilmente no "atoleiro libanês". O general recebeu um apoio material do Iraque, mas ele se achou sozinho para enfrentar os sírios.

O caso começou em fevereiro de 1989; o general Aoun se chocou primeiro com a milícia cristã, parte inicial de seu programa; seu empreendimento resultou num meio sucesso (ou meia derrota); com efeito, ele recuperou o quinto cais do porto de Beirute, controlado até então pela milícia cristã e alguns pontos estratégicos de Beirute-leste ocupados pela mesma milícia, mas ele não pôde desalojá-la do reduto cristão. Ele decidiu, em seguida, atacar as milícias muçulmanas apoiadas pe

la Síria ; fez bloquear, pela marinha de guerra libanesa — reduzida a dois ou três patrulheiros — os pequenos portos ilícitos controlados pelas milícias pró-sírias. Este foi logo o incêndio geral e jamais em quinze anos de guerra chegaram a um tal grau de violência e de furor; os estragos são enormes pois os obuses utilizados têm uma potência bem superior aos empregados antes; prédios inteiros são destruídos, abrigos atingidos, centenas de carros calcinados e muito mais vítimas civis a deplorar. De outra parte, a tentativa de bloqueio se voltou contra seu instigador e logo o porto de Jounish e todo o litoral cristão conheceram por sua vez o bloqueio total imposto pela artilharia e a marinha sírias. Um dilúvio de ferro e de fogo se abateu sobre uma grande parte do Líbano até setembro de 1989, o palácio do Presidente da República, situado em Babda no setor cristão, foi severamente atingido. O general Aoun termina por aceitar um cessar-fogo sob a égide de um comitê da Liga Árabe, composta pela Arábia Saudita, pela Argélia e pelo Marrocos. Os combates vão cessar? No Líbano os cessar-fogo são frequentemente rompidos antes de serem aceitos séria e honestamente pelas duas partes. O pesado balanço das perdas em vidas humanas e bens não é proporcional aos resultados decepcionantes obtidos: apelos dos estados ocidentais e do Vaticano para um cessar-fogo e para uma retomada do diálogo entre todas as comunidades, condenação dos bombardeios de regiões civis. As negociações empreendidas pelo comitê árabe levaram a uma "consolidação" do cessar-fogo. Os negociadores decidiram também convocar o parlamento libanês fora do país para debater a eleição presidencial e a reforma da constituição; mas o problema da retirada das tropas sírias do Líbano está longe de ser acertado; num primeiro momento os negociadores haviam admitido em parte o ponto de vista do general Aoun, solicitando aos sírios que se retirassem de Beirute; mas a Síria se aborreceu e finalmente o comitê se retirou e não se falou mais nisso.

Após a derrota das pazes "síria" e "israelense", terá a "paz saudita" mais chances de triunfar?

Duvido que ela possa acertar, de modo durável, o conflito; talvez se chegue sob a pressão da Arábia Saudita e depois

de grandes negociações a um acordo, tão vago na essência quanto na forma, sobre o futuro do país e das instituições políticas; porém este acordo se tornará rapidamente "letra morta" pois lhe faltará boa fé e clareza.

É certo que os cristãos receiam um reequilíbrio dos poderes que poderia privá-los mais tarde do direito de dispor livremente deles mesmos; eles temem que estas reformas conduzam, no futuro, a outras reformas que terminarão por privá-los totalmente do poder político. Eles se encontrariam então na mesma situação das minorias cristãs que vivem nos países vizinhos do Oriente Médio, isto é, privados de direitos políticos — não de direito mas de fato. Os cristãos do Líbano vivem nesta terra há muitos séculos; eles pretendem, com justa razão, ter o direito de viver segundo suas convicções religiosas e culturais e participar da administração política e econômica do patrimônio nacional. Eles não rejeitam a identidade árabe de seu país — o Líbano faz parte da Liga Árabe e é o único país que tem à sua frente um chefe cristão — e forneceram a prova de sua ligação à língua árabe; efetivamente muitos pesquisadores e lingüistas cristãos contribuíram com seus importantes trabalhos para modernizar esta língua afim de adaptá-la às exigências do mundo moderno. Porém eles rejeitam o integrismo muçulmano que lhe imporia o Corão como religião oficial, o que implicaria numa constituição inspirada neste livro sagrado, pois o corão dita as regras da vida social e econômica do país.

Por outro lado, as aspirações legítimas da população por mais justiça social e dignidade e por uma divisão igual de responsabilidades políticas do país, teriam conduzido os dirigentes cristãos a acolher sem desconfiança nem egoísmo as reivindicações desta comunidade; todos sabem que o extremismo se alimenta de rancores, humilhações, injustiças e sofrimentos. Os cristãos têm o dever de aceitar com lealdade e clareza as reformas institucionais que levarão a uma divisão igualitária do poder entre todas as comunidades. Porém, a comunidade muçulmana tem a obrigação de engajar-se claramente em respeitar os direitos inalienáveis do povo cristão libanês. O caos não servirá nem a uns nem a outros; mas é certo que ele

servirá aos interesses dos estrangeiros que dividirão os "despojos mortais".

Os libaneses são, pois, condenados a "viver juntos" num estado soberano ou a ver seu país dividido em pequenos feudos belicosos e submetidos ao estrangeiro. Se a História lhes desse uma chance de regularizar pacificamente o problema — eu penso, por exemplo, no reaquecimento das relações soviético-americanas — seria necessário que eles retirassem a lição deste episódio sangrento; "é preciso guardar as facas nos armários" dizia o general De Gaulle durante a guerra da Argélia; sim, é preciso estabelecer um diálogo claro e leal para chegar a uma solução definitiva; ela se resume a algumas palavras: tolerância, justiça, espírito cívico e fraternidade.

O único regime que traria justiça a todas as partes da população me parece ser o de federação articulada sobre instituições análogas às que fazem viver a Suíça. Talvez se chegasse assim a associar, sem as fundir, as comunidades de personalidades diferentes que vivem aliás por conta da guerra em zonas separadas; este regime permitiria respeitar as particularidades de cada um e associar as comunidades à administração de seu interesse comum. O Parlamento composto igualmente por cristãos e muçulmanos teria competência para tudo o que se refere ao interesse geral do país. Um governo federal composto por membros que representem todas as comunidades deteria todo o poder executivo e seria responsável por sua administração diante do Parlamento; a presidência deste governo federal poderia ser atribuída em turnos e por um tempo a ser fixado em comum acordo, a cada uma das grandes comunidades do país. O Presidente da República só teria um papel protocolar, ele seria eleito pelo Parlamento nas mesmas condições que o Presidente do Conselho. O país seria dividido em zonas — cantões — homogêneas mas que acolheriam sem hostilidade qualquer membro de uma minoria que desejasse aí se instalar.

Na política exterior, o Líbano deveria guardar uma estrita neutralidade, favorecida pela reaproximação americano-soviética. Ele afirmaria sua dependência do mundo árabe, confirmando sem reticências nem ambigüidades sua adesão à liga

dos países árabes. Com a Síria, as relações de boa vizinhança poderiam ser estabelecidas e um tratado de cooperação econômica favoreceria as trocas e estimularia o comércio entre os dois países. Com Israel o armistício já assinado com este país mas jamais cumprido entraria em vigor sob o controle de uma força da ONU, que garantiria assim a inviolabilidade dos dois territórios.

Aos que vão dizer que estas estruturas contêm os germes da implosão do país, responderei que a centralização, fonte de conflitos entre as comunidades já conduziu o país aos limites de uma explosão.

Testemunha durante doze anos dos sofrimentos do povo libanês, ao qual sou ligado por laços de profunda amizade tecidos no curso de minha longa estadia neste país, formulo votos de que o Líbano reencontre a paz e a concórdia entre seus filhos.

15.10.89

### **Os acontecimentos de 1990-91**

Os acontecimentos que se seguiram a esta data ameaçam modificar profundamente o clima político do país se nada bloquear a evolução atual da situação. Reunidos em Taef (na Arábia Saudita) cristãos — à exceção do partido do general Aoun — e muçulmanos aceitaram sob o bastão da Síria modificar a Constituição num sentido favorável à comunidade muçulmana (diminuição das prerrogativas do Presidente da República, sempre cristão maronita, e paridade na representação parlamentar) e proclamaram o cessar-fogo. Este acordo foi rejeitado pelo general Aoun e o campo cristão continuou dividido entre milicianos das Forças Libanesas (Gargea) e forças do general Aoun. Na sua maioria, os cristãos sustentavam o general Aoun em quem eles viam o salvador da pátria. Entretanto, com a aplicação dos acordos de Taef, uma primeira eleição presidencial aconteceu (numa zona controlada pelos sírios). Ela trouxe ao poder Sr. Moawad (cristão maronita) mas ele foi morto num atentado alguns dias mais tarde. Um segundo presidente (Sr.

Hraoui) foi eleito nas mesmas condições. O general Aoun, recusou-se a reconhecer a legitimidade de tal eleição (organizada pelos sírios).

A situação parecia bloqueada mas a crise do Golfo Pérsico precipitou o curso dos acontecimentos. O Presidente sírio Hafez-El-Assad, inimigo irredutível de Saddam Hussein, chefe do partido "Baas" no poder no Iraque e de Yasser Arafat, chefe da O.L.P., vive enquanto estrategista minucioso toda a vantagem que ele poderia tirar deste conflito se aliando aos americanos. Com o apoio destes e o da Arábia Saudita pretende eliminar seus velhos inimigos, Saddam Hussein e Yasser Arafat, esmagar a rebelião do general Aoun no Líbano e impor sua vontade aos cristãos, recuperar o Golã (território sírio ocupado por Israel desde 1967), suscitando a reunião de uma conferência internacional encarregada da paz na região e ainda continuar a receber o precioso apoio financeiro da Arábia Saudita. A Síria se decidiu então a atacar o reduto do general Aoun sem que nenhuma potência do mundo se opusesse a isto; a intervenção da aviação (tolerada por Israel) foi decisiva; toda a resistência tornava-se vã e assassina; o general Aoun e seu estado-maior se refugiaram na Embaixada da França, onde continuam, e pediram a suas tropas que se rendessem. O episódio "Aoun" acabou assim e foi sentido dolorosamente pela maioria dos cristãos que tinham investido toda sua esperança neste homem.

O Presidente da República Hraoui se instalou em Baabda (sede do governo) e constituiu o governo. É evidente que este governo controlado de perto pela Síria só pode encontrar uma hostilidade surda dos cristãos e de uma parte da população muçulmana xiíta e druzá.

Eu insisto em acreditar que a reconciliação nacional só pode se realizar em um espírito de tolerância, de justiça e de fraternidade, entre todas as comunidades e longe de qualquer ingerência estrangeira.

Mas, no contexto atual, o futuro dos cristãos é sombrio e inquietante e se a crise moral que sacode estas comunidades

os empurrasse ao êxodo, as conseqüências seriam desastrosas pa  
ra o futuro político, econômico e cultural do país.

22.4.1991